ENOTURISMO EM CONTEXTOS DE CRISE CLIMÁTICA: VULNERABILIDADE, IMPACTOS SISTÊMICOS E DESAFIOS DE RESILIÊNCIA NA SERRA GAÚCHA (BRASIL)

Lucas de Souza Monteiro[1]
Joana Eberle[2]
Izabelle Cristina Pontes da Fonseca[3]
Vera Lúcia Steiner[4]

RESUMO

O presente estudo analisa os impactos das inundações ocorridas em maio de 2024 sobre o enoturismo na Serra Gaúcha, considerando o contexto das mudanças climáticas e a crescente intensificação de eventos extremos. Parte-se do pressuposto de que fenômenos climáticos severos têm afetado de forma significativa territórios cuja economia depende diretamente da integração entre turismo, produção agrícola e valorização cultural. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa é compreender de que forma as inundações interferem na dinâmica do enoturismo, na organização territorial e na sustentabilidade da atividade na região. Para alcançar esse objetivo, adotou-se uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e explicativo, fundamentada na análise bibliográfica e documental. Foram utilizados como base relatórios técnicos, documentos institucionais, publicações científicas e conteúdos jornalísticos produzidos a partir dos eventos de 2024, possibilitando uma leitura abrangente dos impactos ambientais, sociais e econômicos. A metodologia permitiu identificar padrões e relações entre as mudanças climáticas e suas consequências diretas e indiretas sobre o setor enoturístico. Os resultados evidenciam que as inundações provocaram impactos amplos e sistêmicos, afetando a infraestrutura, a mobilidade, os meios de hospedagem, os atrativos turísticos e a produção vitivinícola. Observou-se também uma redução significativa no fluxo de visitantes, gerando prejuízos econômicos expressivos e comprometendo a continuidade das atividades no curto e médio prazo. Além disso, os efeitos ultrapassaram a dimensão econômica, atingindo aspectos socioculturais, como a interrupção de eventos e práticas tradicionais que compõem a identidade regional e a experiência turística. A análise demonstra que o enoturismo apresenta elevada vulnerabilidade frente a eventos climáticos extremos, especialmente por sua dependência das condições ambientais e da estabilidade territorial. Dessa forma, conclui-se que as mudanças climáticas representam um desafio estrutural para o setor, exigindo não apenas medidas emergenciais, mas

[1] Mestrando em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Turismólogo pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail. lsmonteiro3@ucs.br

[2] Mestranda em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Graduada em Engenharia Ambiental pela Universidade de Caxias do Sul. eberlejoana@gmail.com

[3] Mestranda em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Turismóloga pela Universidade Federal do Pará. izabellecf06@gmail.com

[4] Doutorado em Turismo e Hospitalidade com estágio de pós-doutoramento em direito ambiental. vlsteine@ucs.br. Universidade de Caxias do Sul.

também estratégias de adaptação de longo prazo. Por fim, evidencia-se a necessidade de reestruturação do modelo de enoturismo, com base em planejamento territorial integrado, adaptação climática e fortalecimento da governança sustentável, visando aumentar a resiliência da atividade diante de um cenário de crescente instabilidade ambiental.

Palavras-chave: Enoturismo, Inundações, Mudanças Climáticas, Sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

As inundações que atingiram o Rio Grande do Sul em maio de 2024 não se limitaram a um episódio climático de grande escala. Os desastres expuseram a fragilidade em territórios cuja economia está diretamente ligada ao turismo. O que se observou naquele momento foi uma ruptura nas dinâmicas locais, afetando deslocamentos, serviços, produção e a própria relação das pessoas com o espaço em que vivem e trabalham.

A literatura internacional tem avançado na análise dos impactos climáticos sobre o turismo, com ênfase em vulnerabilidade, adaptação e resiliência. Contudo, observa-se uma lacuna relevante: a predominância de abordagens fragmentadas que dissociam as dimensões agrícola, turística e territorial, limitando a compreensão dos impactos sistêmicos em regiões enoturísticas. Nesse sentido, ainda são incipientes os estudos que analisam como eventos extremos provocam rupturas simultâneas na infraestrutura, na economia, na cultura e na experiência turística. Diante dessa lacuna, coloca-se a seguinte questão de pesquisa: de que forma eventos climáticos extremos, como as inundações de 2024, impactam o enoturismo enquanto sistema territorial integrado, afetando sua dinâmica, organização e sustentabilidade?

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo principal compreender de que forma as inundações interferem na dinâmica do enoturismo, na organização territorial e na sustentabilidade da atividade na região, e como objetivos específicos: descrever os impactos causados pelas inundações no enoturismo, com foco na Serra Gaúcha; compreender como esses eventos interferem na continuidade da atividade turística e na organização do território, considerando que tais fenômenos tendem a ocorrer com maior frequência no contexto atual e refletir sobre a necessidade de adaptação e

reestruturação do enoturismo frente aos desafios impostos pelas mudanças climáticas.

Para alcançar esse objetivo, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e explicativo, orientada na análise bibliográfica e documental. O estudo se baseia em documentos técnicos oficiais, relatórios institucionais, publicações científicas e conteúdos veiculados por meios de comunicação, que registraram os desdobramentos das inundações de 2024. A partir dessas fontes, procura-se estabelecer relações entre fatores ambientais e seus efeitos sobre a atividade turística, contribuindo para uma leitura mais aprofundada dos impactos observados no estado do Rio Grande do Sul.

REVISÃO DE LITERATURA

O referencial teórico desta pesquisa busca estabelecer os fundamentos conceituais para a análise do tema.

2.1 Enoturismo: entre experiência, território e desenvolvimento regional

O enoturismo consolidou-se, nas últimas décadas, como um segmento estratégico do turismo contemporâneo, articulando produção vitivinícola, experiência turística e valorização territorial. Embora sua estruturação como produto turístico seja frequentemente associada às transformações ocorridas a partir dos anos 1980, suas bases estão enraizadas em práticas culturais e produtivas historicamente vinculadas às regiões vinícolas.

Hoje, diversas vinícolas atraem um número significativo de visitantes, consolidando essa modalidade de turismo no Brasil. A região Sul, em particular, é a que mais se destaca nesse segmento. Por ser a maior produtora de vinhos do país, a área nutre e fortalece a cultura da vitivinicultura, sendo um ponto central para quem busca explorar o enoturismo. (Bonotto, 2023).

Entende-se que o enoturismo é uma atividade turística que caminha lado a lado com as vinícolas e os viticultores. Alonso *et al*. (2013) apontam que a atividade enoturística é uma forma de turismo sustentável, pois considera as localidades que a promovem. Este segmento vem crescendo a cada ano; no entanto, após a pandemia

de covid-19, viajantes do mundo todo buscaram vivenciar experiências que fogem de seu habitual, abrindo portas para conhecer diferentes segmentos do turismo, engajando novos consumidores.

De acordo com Hall et al. (2000), o enoturismo envolve a visita a vinhedos, vinícolas e eventos relacionados ao vinho, tendo como motivação central a vivência do produto em seu contexto de origem. Essa definição evidencia o caráter experiencial da atividade e sua profunda conexão com o território, uma vez que o vinho é resultado de uma interação complexa entre fatores naturais, culturais e históricos.

Entretanto, abordagens mais recentes ampliam essa compreensão ao situar o enoturismo como um sistema de desenvolvimento regional. Estudos de Getz & Brown (2006) demonstram que o sucesso de regiões enoturísticas depende de fatores como governança, cooperação entre atores locais e capacidade de inovação, evidenciando que o enoturismo ultrapassa a lógica de produto para constituir-se como uma estratégia territorial.

No Rio Grande do Sul, a cultura da vitivinicultura é especialmente forte em municípios como Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul. Juntas, essas cidades formam o famoso Vale dos Vinhedos, um dos destinos mais procurados da Serra Gaúcha. Essa região se beneficia diretamente do enoturismo, que impulsiona a economia local e, ao mesmo tempo, dissemina a rica cultura em torno da produção de vinhos.

Figura 1: Vale dos Vinhedos



Fonte: Tripadvisor (2026).

A Figura 1 retrata o Vale dos Vinhedos, o qual é construído com um forte caráter histórico, social e cultural. Segundo Bonotto (2023), os roteiros da região contam a história de um povo que, fugindo da guerra e da fome, buscou melhores condições de vida em um novo mundo. Nesse contexto, a importância histórica dos imigrantes se une à qualidade dos vinhos produzidos e consumidos localmente, criando uma experiência que vai além da degustação e valoriza a trajetória de seus habitantes.

No contexto brasileiro, essa perspectiva ganha contornos específicos. Pesquisas como a de Bonotto (2023) evidenciam que o enoturismo na Serra Gaúcha está fortemente associado à construção histórica da vitivinicultura, marcada pela imigração italiana e pela organização comunitária baseada na cooperação. Essa dimensão histórica é reforçada por estudos de Machado (2013, citado em Bonotto, 2023), que destacam a reciprocidade como elemento estruturante das práticas sociais e produtivas locais.

Um fator importante é o reconhecimento institucional por meio de instrumentos como a Indicação de Procedência e a Denominação de Origem, conforme registros do Instituto Nacional da Propriedade Industrial, bem como os estudos da Embrapa Uva e Vinho (2013), que contribuem para reforçar a relação entre produto, território e identidade, qualificando o posicionamento do Vale dos Vinhedos no cenário nacional e internacional.

O crescimento do enoturismo no Brasil também está relacionado à valorização das experiências no turismo contemporâneo. A dimensão experiencial do enoturismo também pode ser compreendida à luz da economia da experiência. Para Pine & Gilmore (1999), o valor no consumo contemporâneo está associado à criação de experiências memoráveis, sensoriais e simbólicas. No enoturismo, isso se materializa em práticas como degustações, narrativas históricas, hospitalidade e interação com o território.

Entretanto, essa forte articulação entre experiência, produção e território também revela a vulnerabilidade do enoturismo, especialmente frente a mudanças ambientais que afetam diretamente seus elementos constitutivos.

2.2 Mudanças climáticas e turismo: vulnerabilidade, adaptação e sustentabilidade

As mudanças climáticas configuram-se como um dos principais desafios contemporâneos para o turismo global, afetando diretamente a dinâmica dos destinos e a sustentabilidade das atividades econômicas. De acordo com o *Intergovernmental Panel on Climate Change* (2023), o aumento da frequência e intensidade de eventos extremos tem gerado impactos significativos em setores sensíveis às condições ambientais, como o turismo e a agricultura. Esses eventos têm causado impactos adversos generalizados, comprometendo a segurança alimentar e hídrica, a saúde humana, a economia e o bem-estar social, além de provocar perdas e danos significativos tanto à natureza quanto à sociedade.

No campo do turismo, estudos de Scott et al. (2019) indicam que as mudanças climáticas afetam não apenas a infraestrutura e os recursos naturais, mas também a percepção de risco dos turistas e a competitividade dos destinos. Essa perspectiva reforça a necessidade de compreender o turismo como um sistema vulnerável e altamente dependente da estabilidade ambiental.

No caso da vitivinicultura, essa vulnerabilidade é ainda mais evidente. Conforme apontam Jones et al. (2005), a produção de uvas depende de condições climáticas específicas, sendo sensível a variações de temperatura, precipitação e radiação solar. Alterações nesses fatores podem comprometer tanto a produção quanto a qualidade do vinho, afetando diretamente o enoturismo. As alterações no clima podem afetar o *terroir*, antecipar colheitas e até inviabilizar a produção em certas regiões, exigindo uma resposta rápida dos produtores e gestores turísticos.

No contexto brasileiro, estudos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (2023) indicam alterações significativas nos regimes de precipitação e temperatura, especialmente na região Sul, onde eventos extremos têm se tornado mais frequentes. Relatórios de organismos internacionais, como o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (2023) e a *World meteorological organization* (2023), reforçam essa tendência ao apontar a intensificação do aquecimento global e seus impactos sistêmicos.

Diante desse cenário, a literatura tem enfatizado a importância da adaptação e da resiliência. Para Gössling et al. (2020), a adaptação climática envolve ajustes

estruturais e estratégicos nos destinos turísticos, enquanto a resiliência refere-se à capacidade de absorver impactos e reorganizar-se. Complementarmente, Buckley (2012) destaca que a sustentabilidade no turismo deve integrar dimensões ambientais, econômicas e sociais, especialmente em contextos de instabilidade climática.

Dessa forma, compreender as mudanças climáticas em suas dimensões globais e sistêmicas é fundamental para analisar seus desdobramentos em escalas regionais e locais. No caso do enoturismo, essas transformações não apenas impactam a produção vitivinícola, mas também influenciam a experiência turística, a infraestrutura e a dinâmica socioeconômica das comunidades envolvidas, reforçando a importância de estratégias sustentáveis que conciliem adaptação climática e desenvolvimento territorial.

2.3 Desastres naturais e turismo: impactos e reconfiguração territorial

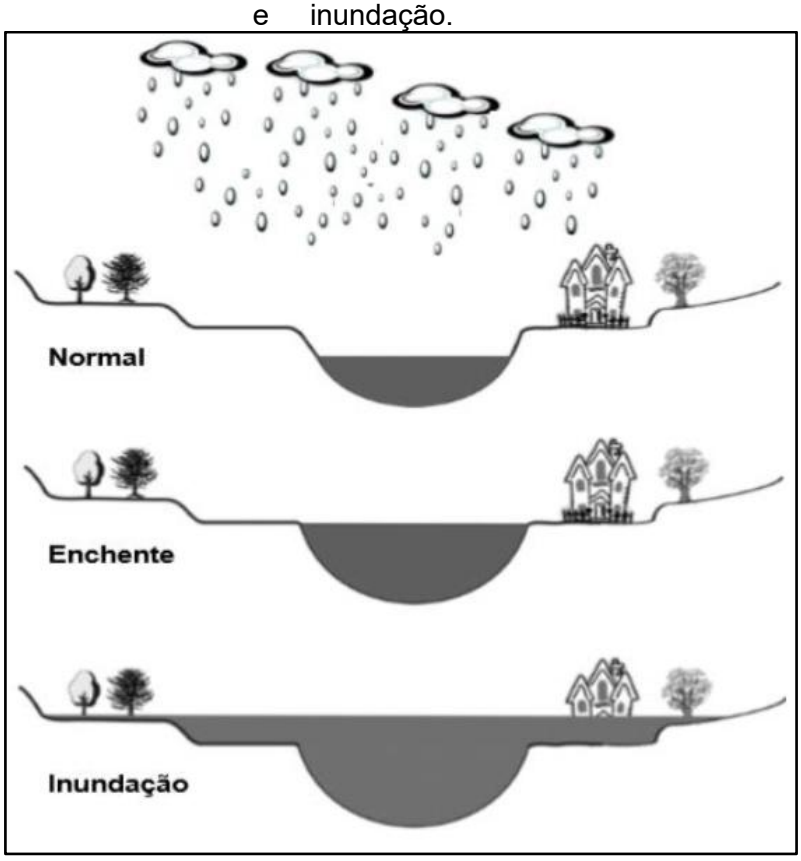
Entre os diversos eventos extremos associados ao aquecimento global, o aumento da frequência das precipitações intensas tem se destacado, causando grandes desastres e regiões onde esses fenômenos antes eram esparsos, como o Rio Grande do Sul, que tem enfrentado inundações significativas em diversas bacias hidrográficas do estado. Segundo Below et al. (2009), desastres ocorrem quando eventos extremos ultrapassam a capacidade de resposta das sociedades, gerando impactos significativos.

No Brasil, a classificação desses eventos é sistematizada pela Classificação e Codificação Brasileira de Desastres (COBRADE), vinculada ao Ministério da Integração Nacional, que define as inundações como desastres hidrológicos com elevado potencial de impacto socioeconômico.

Do ponto de vista conceitual, estudos de Goerl & Kobiyama (2005) contribuem para a distinção entre enchentes, inundações e alagamentos, evidenciando a complexidade desses fenômenos. No caso específico do Rio Grande do Sul, dados da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (2025) indicam que as inundações de 2024 configuraram-se como o maior desastre da história do estado, afetando centenas de municípios e milhões de pessoas.

As inundações, enchentes e alagamentos são classificados, segundo a COBRADE, como desastres naturais de origem hidrológica. De acordo com Goerl & Kobiyama (2005), há uma variedade de termos utilizados para descrever esses fenômenos, como cheias, enchentes, enxurradas, inundações e alagamentos, sendo importante destacar que cada um possui características distintas, de acordo com a figura 2. Ainda segundo os autores, uma enchente ocorre quando o nível do rio atinge suas margens sem transbordar. Já a inundação se dá quando a água ultrapassa essas margens e invade as áreas adjacentes, ocupando o leito maior do canal.

Figura 2 - Representação de nível de água para situação normal de um rio, enchente e inundação.



Fonte: Goerl e Kobiyama, 2005.

Segundo informações da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), publicadas no estudo *As Enchentes no Rio Grande do Sul – Lições, Desafios e Caminhos para um Futuro Resiliente*, de abril de 2025, o estado do Rio Grande do Sul enfrentou, em maio de 2024, o maior desastre natural de sua história.

Os efeitos das inundações foram amplos e atingiram praticamente todo o estado. Dos 497 municípios gaúchos, 478 sofreram algum tipo de impacto, o que

demonstra a abrangência da tragédia. Estima-se que quase 2,4 milhões de pessoas tenham sido diretamente afetadas, o que revela não apenas a gravidade da situação, mas também a dificuldade de resposta imediata diante de um evento dessa magnitude. A exposição prolongada à água contaminada contribuiu para o aumento expressivo de doenças, com mais de 15 mil casos registrados de leptospirose. Esse dado reforça que os efeitos de eventos extremos não se limitam ao momento da inundação, mas se estendem no tempo, exigindo acompanhamento contínuo das condições sanitárias e de saúde da população atingida. As perdas materiais foram igualmente significativas. Um grande número de residências foi destruído ou sofreu danos severos, comprometendo a segurança e as condições básicas de moradia. Como consequência, cerca de 146 mil pessoas precisaram deixar suas casas, muitas vezes sem a possibilidade de retorno imediato. Desse total, mais de 50 mil ficaram completamente sem abrigo, dependendo de estruturas emergenciais e de apoio governamental e comunitário.

Diante desse cenário, as inundações de 2024 no Rio Grande do Sul evidenciaram não apenas a força dos eventos climáticos extremos, mas também a vulnerabilidade de territórios e populações frente a esses fenômenos. Os dados apresentados pela ANA (2025) reforçam a necessidade de planejamento, gestão de riscos e adoção de medidas que considerem a recorrência e a intensidade crescente desses eventos no contexto atual.

Em relação ao turismo, estes desastres, ou seja, as enchentes do ano de 2024, impactaram de maneira ampla o setor do turismo no Estado do Rio Grande do Sul, deixando vários empreendimentos turísticos fechados, perda de empregos e de turistas em cidades cuja receita provém basicamente deste setor. Conforme aponta Saarinen (2019), desastres naturais podem desencadear processos de reconfiguração territorial, exigindo não apenas a reconstrução da infraestrutura, mas também a reorganização das dinâmicas econômicas e sociais. Em regiões enoturísticas, esses impactos são potencializados pela interdependência entre turismo e produção agrícola. As inundações afetam não apenas a infraestrutura turística, mas também os vinhedos, o solo e a paisagem, elementos essenciais para a experiência turística. Além disso, estudos de Becken & McLennan (2017) indicam

que eventos extremos influenciam a percepção de segurança dos turistas, impactando a demanda e a recuperação dos destinos.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo, de natureza descritivo-explicativa, orientado pela análise documental e bibliográfica, com o objetivo de compreender os impactos das inundações de maio de 2024 sobre o enoturismo na Serra Gaúcha, à luz das mudanças climáticas e da sustentabilidade.

A adoção da abordagem qualitativa justifica-se pela complexidade do fenômeno investigado, que envolve dimensões ambientais, econômicas, sociais e territoriais interdependentes. Conforme Creswell (2014), a pesquisa qualitativa permite compreender significados, interpretar contextos e analisar fenômenos contemporâneos em profundidade. Nesse mesmo sentido, Denzin & Lincoln (2018) destacam que essa abordagem é particularmente adequada para investigações que buscam interpretar realidades complexas e socialmente construídas.

O estudo assume caráter descritivo, ao sistematizar os impactos das inundações sobre o enoturismo, e explicativo, ao buscar compreender as relações entre eventos climáticos extremos e a vulnerabilidade da atividade turística. Segundo Gil (2008), pesquisas descritivas têm como objetivo caracterizar fenômenos, enquanto as explicativas procuram identificar seus fatores determinantes.

A pesquisa baseia-se em dados secundários, provenientes de documentos institucionais, publicações científicas e conteúdos jornalísticos. A análise documental, conforme Minayo (2001), permite acessar informações relevantes sobre contextos sociais por meio de registros já existentes, contribuindo para a compreensão de processos e dinâmicas sociais.

A utilização de múltiplas fontes também se apoia na perspectiva de triangulação proposta por Denzin (1978), que reforça a validade dos achados ao combinar diferentes tipos de evidências.

A seleção dos documentos seguiu critérios de relevância temática, temporalidade (priorizando publicações recentes, especialmente entre 2020 e 2025), confiabilidade das fontes e diversidade de perspectivas analíticas. Conforme Flick

(2009), a utilização de diferentes tipos de documentos amplia a compreensão do fenômeno investigado e permite abordagens mais abrangentes.

Os dados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo temática, conforme sistematizada por Bardin (2011). Essa técnica possibilita a interpretação sistemática de dados qualitativos. Posteriormente foi realizada a identificação de padrões, categorias e significados. O processo analítico foi desenvolvido em três etapas: a primeira etapa foi denominada pré-análise: onde houve a leitura exploratória e organização do corpus documental; a segunda etapa foi a exploração do material: codificação e categorização dos dados; e a terceira etapa foi a de Tratamento e interpretação: inferência e articulação dos resultados com o referencial teórico.

A análise foi orientada por categorias definidas *a priori*, com base na literatura sobre turismo e mudanças climáticas, sendo que se pode destacar: (i) impactos na infraestrutura turística; (ii) impactos econômicos; (iii) impactos socioculturais e (iv) vulnerabilidade e adaptação climática

A definição de categorias analíticas prévias segue a abordagem de análise temática orientada por teoria, conforme discutido por Braun & Clarke (2006), permitindo maior coerência entre dados empíricos e referencial teórico.

A robustez analítica foi assegurada por meio da triangulação de fontes, da articulação com o referencial teórico e da explicitação dos procedimentos metodológicos. Para Lincoln & Guba (1985), critérios como credibilidade, transferibilidade e consistência são fundamentais para garantir a qualidade em pesquisas qualitativas.

A principal limitação reside na utilização exclusiva de dados secundários, o que restringe a apreensão das percepções dos atores diretamente envolvidos no enoturismo. Além disso, conforme alerta Flick (2009), documentos refletem contextos específicos de produção, podendo conter vieses interpretativos.

Dessa forma, recomenda-se que pesquisas futuras incorporem métodos empíricos, como entrevistas e observação de campo, ampliando a compreensão das estratégias de adaptação e resiliência no setor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que as inundações de maio de 2024 produziram impactos sistêmicos sobre o enoturismo na Serra Gaúcha, afetando simultaneamente infraestrutura, dinâmica econômica, práticas socioculturais e a própria organização territorial da atividade. Mais do que um evento isolado, os dados analisados indicam a manifestação de uma vulnerabilidade estrutural do setor frente à intensificação de eventos climáticos extremos.

Os dados do Observatório de Turismo do Rio Grande do Sul revelam que 73% dos atrativos turísticos privados e 55,5% dos públicos foram danificados, enquanto 41,4% dos meios de hospedagem sofreram prejuízos estruturais. Esses números indicam que a base material que sustenta o enoturismo foi amplamente comprometida.

Do ponto de vista analítico, esses impactos não devem ser interpretados apenas como danos pontuais, mas como uma ruptura na lógica de funcionamento do sistema turístico regional. Conforme argumentam Hall et al. (2000), o enoturismo depende da integração entre infraestrutura, produção e experiência. Assim, a interrupção de um desses elementos compromete toda a cadeia de valor.

Além disso, o fechamento do Aeroporto Salgado Filho e a interrupção de rodovias estratégicas evidenciam a centralidade da acessibilidade para a manutenção do fluxo turístico. A mobilidade, nesse contexto, emerge como um fator crítico de resiliência, cuja fragilidade amplia os efeitos de eventos extremos sobre destinos dependentes de conectividade.

A redução abrupta do fluxo de visitantes, associada à paralisação de atividades, gerou perdas estimadas em centenas de milhões de reais, afetando diretamente vinícolas, meios de hospedagem, restaurantes e serviços turísticos. A queda no número de visitantes em vinícolas — de até 1.200 para menos de 20 turistas por dia — ilustra a magnitude do impacto.

No entanto, a análise dos dados permite avançar para além da dimensão quantitativa, evidenciando uma desestruturação da cadeia produtiva do enoturismo. Conforme Buckley (2012), a sustentabilidade no turismo depende do equilíbrio entre viabilidade econômica, integridade ambiental e continuidade social. No cenário

analisado, esse equilíbrio foi rompido, revelando a dependência do setor em relação à estabilidade climática.

Adicionalmente, os impactos na vitivinicultura — como a perda de hectares de parreirais — demonstram que o enoturismo não pode ser dissociado da produção agrícola. Essa interdependência reforça o argumento de Jones et al. (2005), segundo o qual a vitivinicultura é altamente sensível às variações climáticas, o que amplia a vulnerabilidade do turismo associado.

Para além dos prejuízos econômicos, os resultados evidenciam impactos significativos sobre a dimensão sociocultural do enoturismo. A interrupção de eventos, festivais e práticas tradicionais comprometeu elementos centrais da identidade regional e da experiência turística.

Nesse sentido, o enoturismo deve ser compreendido como uma prática cultural, e não apenas econômica. Conforme Pine & Gilmore (1999), o valor no turismo contemporâneo está associado à criação de experiências memoráveis. A impossibilidade de vivenciar essas experiências implica não apenas perda de receita, mas também de significado e autenticidade.

A análise indica, portanto, que as inundações provocaram uma ruptura da experiência turística, afetando a relação simbólica entre visitante, território e cultura local.

Os resultados apontam que o enoturismo na Serra Gaúcha apresenta elevada vulnerabilidade frente a eventos climáticos extremos. Essa vulnerabilidade decorre de três fatores principais:

1. Dependência das condições ambientais
2. Forte vínculo com o território
3. Integração entre turismo, agricultura e cultura

À luz dos relatórios do *Intergovernmental Panel on Climate Change* (2023), eventos como as inundações de 2024 não devem ser tratados como exceções, mas como parte de uma tendência de intensificação climática. Nesse contexto, a noção de "retorno à normalidade" torna-se inadequada.

A análise sugere que o setor precisa avançar de uma lógica de recuperação para uma lógica de adaptação e resiliência. Isso implica repensar o planejamento territorial, os modelos de infraestrutura e as estratégias de gestão turística.

Os achados evidenciam que a sustentabilidade, no contexto analisado, não pode ser reduzida a práticas ambientais pontuais. Trata-se de um conceito ampliado, que envolve capacidade adaptativa, gestão de riscos e governança territorial.

A crise provocada pelas inundações expõe os limites do modelo tradicional de desenvolvimento do enoturismo, baseado na previsibilidade climática e na estabilidade territorial. Nesse sentido, a reconstrução do setor deve incorporar princípios de resiliência, diversificação e inovação.

Mais do que recuperar estruturas físicas, torna-se necessário reconstruir o sistema turístico a partir de uma perspectiva integrada, que articule atores públicos e privados e considere os riscos climáticos como elemento central do planejamento.

CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar os impactos das inundações de maio de 2024 sobre o enoturismo na Serra Gaúcha, buscando compreender de que forma eventos climáticos extremos interferem na dinâmica da atividade, na organização territorial e na sustentabilidade do setor. A partir da análise qualitativa de dados documentais e bibliográficos, constatou-se que os efeitos observados foram amplos, interdependentes e de natureza sistêmica, evidenciando a elevada vulnerabilidade do enoturismo frente às mudanças climáticas.

Os resultados demonstram que as inundações afetaram de maneira significativa a infraestrutura turística, a mobilidade, os meios de hospedagem, os atrativos e a produção vitivinícola, comprometendo o funcionamento da cadeia enoturística como um todo. Entretanto, mais do que prejuízos materiais e econômicos, verificou-se uma ruptura nas dinâmicas socioculturais e na experiência turística, elementos centrais para a identidade e a atratividade da região. Nesse sentido, o enoturismo revela-se não apenas como uma atividade econômica, mas como um sistema territorial complexo, cuja estabilidade depende da interação entre ambiente, cultura e produção.

Ao responder ao objetivo proposto, a pesquisa evidencia que a recorrência e a intensificação de eventos climáticos extremos desafiam os modelos tradicionais de planejamento turístico, historicamente baseados em pressupostos de previsibilidade e estabilidade ambiental. Assim, a noção de “retorno à normalidade” mostra-se limitada e inadequada, exigindo a incorporação de novas abordagens centradas na adaptação climática, na gestão de riscos e na construção de resiliência territorial.

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui ao ampliar a compreensão da sustentabilidade no enoturismo, deslocando-a de uma perspectiva predominantemente conservacionista para uma abordagem integrada, que incorpora a capacidade adaptativa dos territórios e a necessidade de resposta a cenários de instabilidade ambiental. Ao evidenciar a interdependência entre turismo, vitivinicultura e condições climáticas, a pesquisa reforça a importância de análises sistêmicas e interdisciplinares no campo do turismo contemporâneo.

Em termos práticos, os achados indicam a urgência de reorientação das estratégias do setor, tanto no âmbito público quanto no privado. Destacam-se a necessidade de planejamento territorial integrado, investimentos em infraestrutura resiliente, diversificação da oferta turística e fortalecimento de mecanismos de governança colaborativa. Tais medidas são fundamentais não apenas para mitigar impactos futuros, mas também para garantir a continuidade e a competitividade do enoturismo em contextos de crescente incerteza climática.

Como limitação, reconhece-se que o uso de dados secundários restringe a compreensão aprofundada das percepções, estratégias e respostas dos atores locais diretamente envolvidos na atividade enoturística. Dessa forma, recomenda-se que pesquisas futuras avancem na realização de estudos empíricos, incorporando entrevistas, estudos de caso e abordagens participativas, de modo a aprofundar a análise das dinâmicas de adaptação e resiliência no território.

Por fim, conclui-se que os eventos analisados não apenas evidenciam fragilidades estruturais do enoturismo na Serra Gaúcha, mas também abrem espaço para a redefinição de seu modelo de desenvolvimento. Mais do que reconstruir estruturas físicas e retomar fluxos turísticos, torna-se necessário promover uma transformação orientada por princípios de sustentabilidade, inovação e resiliência, capazes de responder aos desafios impostos pelas mudanças climáticas e de assegurar a continuidade da atividade em um cenário de instabilidade crescente.

REFERÊNCIAS

Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico. (2025). *As enchentes no Rio Grande do Sul: Lições, desafios e caminhos para um futuro resiliente*. ANA.

Alonso, A. D., Bressan, A., O'Shea, M., & Krajsic, V. (2013). Perceived benefits and challenges to wine tourism involvement: An international perspective. *International Journal of Tourism Research, 15*(1), 66–80. https://doi.org/10.1002/jtr.1861

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Becken, S., & McLennan, C. (2017). Evidence of the effects of weather events on tourism demand. *Tourism Management, 60*, 1–10. https://doi.org/10.1016/j.tourman.2016.11.005

Below, R., Wirtz, A., & Guha-Sapir, D. (2009). *Disaster category classification and peril terminology for operational purposes*. Centre for Research on the Epidemiology of Disasters (CRED).

Bonotto, C. (2023). *Análise da capacidade absortiva e sinérgica no enoturismo: Os casos das rotas turísticas Ferradura e Vale dos Vinhedos* (Trabalho acadêmico).

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology, 3*(2), 77–101. https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa

Buckley, R. (2012). Sustainable tourism: Research and reality. *Annals of Tourism Research, 39*(2), 528–546. https://doi.org/10.1016/j.annals.2012.02.003

Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: Escolhendo entre cinco abordagens* (3rd ed.). Penso.

Denzin, N. K. (1978). *The research act: A theoretical introduction to sociological methods* (2nd ed.). McGraw-Hill.

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2018). *The SAGE handbook of qualitative research* (5th ed.). SAGE.

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. (2013). *Indicação geográfica Vale dos Vinhedos*. Embrapa Uva e Vinho.

Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3nd ed.). Artmed.

Getz, D., & Brown, G. (2006). Critical success factors for wine tourism regions: A demand analysis. *Tourism Management, 27*(1), 146–158. https://doi.org/10.1016/j.tourman.2004.08.002

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6th ed.). Atlas.

Goerl, R. F., & Kobiyama, M. (2005). Considerações sobre as inundações no Brasil. In *Anais do 16º Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos* (pp. 1–10). Associação Brasileira de Recursos Hídricos.

Hall, C. M., Sharples, L., Cambourne, B., & Macionis, N. (2000). *Wine tourism around the world: Development, management and markets*. Butterworth-Heinemann.

Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. (2023). *Mudanças climáticas no Brasil: Impactos e projeções*. INPE.

Intergovernmental Panel on Climate Change. (2023). *Climate change 2023: Synthesis report*. IPCC. https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/

Lincoln, Y. S., & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic inquiry*. Sage.

Minayo, M. C. S. (2001). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade* (18th ed.). Vozes.

Pine, B. J., & Gilmore, J. H. (1999). *The experience economy: Work is theatre and every business a stage*. Harvard Business School Press.

Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. (2023). *Emissions gap report 2023*. UNEP.

Saarinen, J. (2019). Tourism, climate change and sustainable development: Theoretical perspectives and future research directions. *Tourism Geographies, 21*(3), 409–426. https://doi.org/10.1080/14616688.2018.1468463

Scott, D., Gössling, S., & Hall, C. M. (2019). Global tourism vulnerability to climate change. *Annals of Tourism Research, 77*, 49–61. https://doi.org/10.1016/j.annals.2019.05.007

Tripadvisor. (n.d.). *Vale dos Vinhedos*. Tripadvisor. https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g680210-d4419183-Reviews-Vale_dos_Vinhedos-Bento_Goncalves_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html

World Meteorological Organization. (2023). *State of the global climate 2023*. WMO.